

Narrativas reveladas

Rosa Helena Mendonça

Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades.

(CERTEAU, 1994: 27)

Casas sem cor

Ruas de pó, cidade

Que não se pinta

Que é sem vaidade

(...)

Lá, (...)

Não tem turistas

Não sai foto nas revistas

Fala Meriti, Nova Iguaçu

(Subúrbio, Chico Buarque de Holanda)

Uma senhora de cabelos brancos, vindo de dentro de casa para o quintal, caminha firme, decidida. Quem é essa mulher?

A imagem de dona Zelândia Cândido, ao se encaminhar para conceder uma entrevista aos alunos do CIEP Oswald de Andrade, em São João do Meriti, na Baixada Fluminense 'fala', como diz o poeta, ou melhor, grita!

E o que essa imagem diz? Que narrativas esse instantâneo deixa entrever?

Ela revela, em parte, uma história de injustiças, de preconceitos. Por outro lado, permite vislumbrar um cotidiano de lutas, de força, de resistência.

A fotografia, um *frame* da gravação original, na condição de documento, mostra o local em que vivia dona Zelândia. Revela ainda o

seu desprendimento, ao se deixar filmar sem retoques, sem ' vaidade', e, sobretudo, reafirma a disposição de uma militante em não se deixar invisibilizar.

Em 2001, o programa Salto para o Futuro, da TV Escola, realizou uma reportagem para uma série intitulada *Visitas, passeios e excursões*. A ideia central era debater projetos de trabalho que se ampliavam além do espaço escolar. Para a realização dos vídeos, cobrimos saídas de professores e de alunos em visitas a museus e a outros espaços públicos. Documentamos também atividades que incluíam a realização de entrevistas pelos alunos.

A conversa dos jovens com dona Zelândia, filha de João Cândido Felisberto, que ficou conhecido como *Almirante Negro*, líder do episódio histórico denominado Revolta da Chibata, ocorrido no Rio de Janeiro, em novembro de 1910, aconteceu na residência simples, quase precária, da moradora, no mesmo bairro em que o CIEP está localizado.

A entrevista integrava o projeto *Jovens pesquisadores da Baixada*, coordenado pela professora Nádia Tobias Félix, que buscava um mergulho no *espaçotempo* da região na qual a escola está inserida e um olhar mais aguçado para os seus moradores, muitos dos quais familiares dos próprios alunos, cidadãos comuns, 'heróis anônimos' de um cotidiano repleto de histórias que constituíam e ultrapassavam as frequentemente difíceis condições de vida da comunidade. Ainda no dizer de Certeau (1994: 27):

Os projetores abandonaram os atores de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público. Sociologização e antropologização da pesquisa privilegiam o anônimo e o cotidiano onde zooms destacam detalhes metonímicos – partes pelo todo.

E o zoom focalizou uma mulher que, além de ser filha de um personagem que a História Oficial buscou, durante muito tempo, invisibilizar, guardava ela mesma uma história de lutas. Ela era uma militante do movimento negro que lutou para que a Marinha concedesse anistia ao líder da Revolta da Chibata. Com o falecimento de dona

Zelândia, em 2006, sem ter conseguido ver a decretação da anistia de seu pai, a matéria passa a ter um valor documental.



Legenda: Dona Zelândia Cândido – São João de Meriti/RJ, 2001.

Quando uma foto é um documento?

Segundo Ana Maria Mauad, professora e pesquisadora da UFF, em entrevista ao programa Salto para o Futuro, em 2002, a imagem fotográfica “é um vestígio de um discurso produzido por sujeitos, a partir de um investimento que é também um investimento de memória”.

E como a escola pode incorporar o trabalho com as imagens?

Para Nilda Alves, em entrevista concedida ao programa em 2009, é importante investigar “como certos artefatos [a fotografia, por exemplo] podem permitir dentro da escola produções de conhecimento conjuntas sobre questões específicas”, ou seja, como a fotografia pode ser portadora de memória.

O instantâneo de dona Zelândia nos remete, assim, a várias reflexões, a partir das redes que podemos tecer ao nos determos sobre a fotografia de uma mulher, moradora da Baixada Fluminense, militante do movimento negro, filha de João Cândido Felisberto, que era filho de escravos, que por sua vez foi líder do episódio denominado Revolta da Chibata, movimento pelo fim dos castigos corporais na Marinha.

Enfim, quantas camadas, como num trabalho de arqueologia, podemos penetrar a partir de uma fotografia...



Legenda: Dona Zelândia, durante a entrevista.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Nilda - www.tvbrasil.org.br

CERTEAU, Michel – A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MAUAD, Ana Maria - www.tvebrasil.com.br/.../entrevistas/am_mauad.htm.pdf

sobre o(a) autor(a):

Doutoranda do ProPed/UERJ. Supervisora do programa Salto para o Futuro (TV Escola/MEC).